

1. gavião

Naquele tempo, era briga. Coitado, nós era parece porco no mato, só correndo, sem a roça, sem nada! só comendo palmito, mais nada.

Aí eu me criou coragem. ~~Não~~ Sem saber de Funai nem SPI, eu disse:

- "Ah, desse jeito eu não aguento não. Eu vou mesmo é chegar onde entra gente, eu quero chegar na certa com alguém, aí eu vou ficar no meio do civilizado." Porque eu sozinho não dava de tomar conta de tudo, porque era muita gente que ia matar, que ia acabar com nós tudo, antes do SPI".

Minha mãe tinha medo de gente civilizada. Eu disse:

- "Não, minha mãe, vocês estão com medo de morrer, então é o jeito. Mesmo que kupên mate nós, não tem problema, o jeito é a gente chegar lá".

Aí eu mandei o José fazer picnicada até na grotta, pra nós fazer casa pra nós morar, lá na Praia Alta; Ele foi cortando, cortando; encontraram com o pique deles, ele correu me chamar:

"Eu vi o caminho deles." Eu disse:

- "Olha, isso aqui é pique mesmo ~~de Kupên~~. Era pique novo, tinha até faca pendurada, machado, ^{terrapina, pente,} tudo misturado ~~de Kupên~~." [arano]

2. gavião

Aí nós fomos atrás deles. Eu tava com medo, eu tava com medo de ele me atirar, mas é o jeito que eu vou. Quando deu 7 horas, o sol tava bem assim, quase na ponta, nós encontramos com eles; tava comendo.

Eu mandei o José atrás deles, mas ele não teve coragem, voltou. O finado Yanoi queria matar o frei Gil, ~~Eu disse xxx~~ *tava desconfiado...*

Eu não falava com ele logo, a mata era muito fechada.
~~xxxxxxx~~ porque eu já sabia, porque mais velho me explicava:
mas eu já tinha a falado,

- "Quando é gente assim, que dá facão, dá ferramenta, pode ser que é boa pessoa, não atira não. Não, eu não quero que você mexe com ele; vá na frente, vá na frente, vocês me esperam; eu vou conversar com ele, pra ver como é que ele vai fazer comigo".

~~Ele compreendeu.~~

Eu ficou escondido - o frei Gil passou pertinho, foi pro rio se lavar, eu só olhando... tinha medo de chegar perto, medo do frei Gil atirar. Eu esperei ele voltar pro barraco; ~~onde~~ *lá,* tinha mais quatro caras. Nós era eu, José - meu irmão -, minha mulher, o cunhado, ~~o~~ pai da Maria e o finado Yanoi.

O cunhado foi na frente. "Se o padre atira, eu atira também. [a flecha] ~~no~~. O pai da Maria tinha muito medo! ~~o tenente~~

3. gavião

Quando o tenente Hilmar viu nós, chamou logo na gíria ^{do} Caiapó.

Deram muito facão, farinha, feijão. A gente tava levando tudo.

Aí tenente Hilmar pediu na gíria ^{do} Caiapó pra gente deixar um pou-
co. Aí a gente compreendeu.

Aí a gente foi chamar outra turma, ^{Aí} foi tudo, de novo. Quando
nós chegamos ^S, encontramos ^S muito castanheiro. Ai acostumou, pronto.

Todo mundo criou coragem. "Agora tá bom - ^{a turma} ~~as pessoas~~ diziam -
vamos tudinho pra cidade, vamos ver onde é que gente mora". Eu
disse:

- "Olha, ^Spera aí, rapaz! Eu sei que nós vamos pegar doença...
vamos demorar um pouco, ^Sdeixa nós acostumar primeiro ^S."

Mas a turma tava teimando demais! Foram tudinho no rumo de
Itupiranga. Atravessaram, conversaram muito ~~wom~~ gente.. Aí mesmo
pegaram doença. E quando atravessaram de volta, já veio morrendo
no caminho, ~~de~~ morrendo, morrendo tudo. ^{Quando chegou tava tudo}
Aí eu briguei com a tur ^{nao, magriúlia...}
ma: ^{quase morte tudo}
^{de fome.}

- "Eu disse que vocês não faz isso, rapaz!

Porque sempre quando a gente pegava facão lá em Tucuruí,
quando voltava, todo mundo pegava gripe, catarro, aí morria
muita gente - eu já conhecia doença.

Aí morreu muito índio. Era muito índio, rapaz! Era três ^{aldeia...}

4. gavião

Aí foi morrendo, morrendo, morrendo, aí nada tomando remédio.

Eu lembro morto: ^{uma} hora dessas morria dois, ~~na~~ outra morria três,

~~outro~~ dia morria quatro. Ih, rapaz, morreu muito! Só ~~Kakarauna~~

que enterrava; ~~O~~ Antônio também tava bom, ajudava, enterrava tu

do. Mas eu não queria nem ver morto, só morrendo mesmo! Eu tava

com medo, rapaz, pensando:

- "Eu sei como é agora, nós vamos acabar mesmo"... "

Por causa disso que eu dei as crianças pros cristãos que moram na cidade. Porque minha mãe morreu, a mãe do Raimundo morreu, então eu fiquei só, não tinha nada, minha mulher morreu, então fiquei sem nada. Eu digo:

- "Eu vou entregar as crianças todas".

Passou tempo. O frei Gil chegou ~~de novo~~. Agora começou de novo ajudando a gente, ~~levando~~ levava rancho, ~~trazia~~ trazia remédio. Aí foi melhorando, melhorando..

Quando nós começamos trabalhando, trabalhando, SPI chegou. SPI chegou dizendo: "É bom vocês ir morar lá no Mãe Maria, lá é bom, lá tem colocação de castanha, marcaram terra pra vocês, vocês trabalha, entrega a castanha e ganha dinheiro".

~~vão~~

5.

"Opa! ~~eu~~ eu disse assim;

- "Eu vou me enriquecer mesmo lá".

Mas que nada! Mentira! ~~N~~ Primeiro nós pegamos o dinheiro da castanha. Tava bonito! Eu falei: "Ô, é verdade mesmo, agora aqui é bom". Aí eu fui pegando a turma e trazendo pra cá. Mas quando a gente se colocou aqui, já estava acostumando a trabalhar, aí eles fizeram diferente: agora era só a Funai que vendia castanha, não mostrava ~~dinheiro~~ ^{nem as conta, nem} dinheiro.

Doze anos que a gente tinha vontade de comprar uma coisa bom pra ver! Doze anos que nós trabalhava e nunca teve nada! Doze ¹⁹⁶⁶ anos eu trabalhava calado!

Hoje eu já sou diferente, rapaz! Não sou aquele não .

Como eu já disse lá em Brasília:

- "Eu não quero mais nem ver gente velha que trabalhou no SPI, na Funai, que tava aqui acostumado a gritar com índio . Naquele tempo, eu não sabia! Gritava com a gente, mandava , eu não falava nada, eu só escutando... Mas não escuta bem ainda não, não conversa bem ainda não, eu só balançando a cabeça: "é...é...é". Eu já acordei, agora eu sou outro.

Agora.